

FIOS CONDUTORES: CARTOGRAFIA E REGISTRO DAS POÉTICAS ORAIS DE MARACANGALHA

Railda Maria da Cruz Santos¹

Resumo: Parto da perspectiva de que a estratificação, desterritorialização e territorialização constituem principais caminhos para empreender a multiplicidade e o devir da poética oral, como também para a compreensão dos saberes e experiências dos seus intérpretes. Apresenta-se uma reflexão acerca do método de pesquisa para a poética da voz na comunidade de Maracangalha em São Sebastião do Passé, Bahia. Trata-se da reflexão dos textos: *Introdução ao rizoma* de Giles Deleuze e Félix Guattari (1995) e *A noção de obstáculo Epistemológico — plano da obra* de Gaston Bachelard (1996). A partir desses textos, articulo-os ao objeto de estudo: o caderno de anotações “Cultura popular”, o qual tem como autora Nívea Brito, professora e moradora da comunidade citada. A questão deste estudo se configura de que modo os textos apresentados contribuem para discussão da poética oral, registrada no caderno “Cultura popular” e para a construção do espírito científico frente a esse objeto de pesquisa? Os resultados revelam linhas de segmentaridade e de fuga para a difusão e revitalização da poética oral. Nas considerações finais, concluo que as linhas de fuga da poética oral de Maracangalha apontam as estratégias de resistências da memória cultural da vila, mas também a transformação do texto cultural tradicional nos dias atuais. *Palavras-Chave:* Poética oral. Caderno de anotações. Lindro Amor. Rizoma. Obstáculo epistemológico.

INTRODUÇÃO: CARTOGRAFANDO A POÉTICA DA VOZ DE MARACANGALHA

Muitos são os caminhos para operacionalização da cultura científica, basta observar as vastas referências que tratam acerca

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), endereço eletrônico: raildasan@gmail.com.

da pesquisa, desde método, sujeito pesquisador e objeto. Adentrar esse campo exige conhecimento e habilidades que concorrem para uma construção epistemológica. Desse modo, o espírito do pesquisador é inundado por uma multiplicidade de conceitos e questionamentos, tentando compreendê-los no que tange seu funcionamento e sua forma de se relacionar e se conectar com outros sistemas sociais.

Dito isso, pretendo, neste texto, discutir o conceito de “Rizoma”, cunhado por Gilles Deleuze e Guatarri (1995), capítulo inicial de *Mil Platôs*; bem como o de “a noção de obstáculo epistemológico”, apresentado por Gaston Bachelard (1996), no capítulo inicial *A formação do espírito científico*, buscando empreendê-los e aplicá-los como operadores metodológicos para o estudo das poéticas orais de Maracangalha em São Sebastião do Passé.

Maracangalha é um distrito do município de São Sebastião do Passé, município do interior da Bahia, localizada à cerca de sessenta quilômetros de Salvador². Fazendo parte da região do Recôncavo, o núcleo urbano de São Sebastião do Passé é bastante antigo: foi uma freguesia criada em 1718, sendo distrito de São Francisco do Conde até 1926, quando foi emancipada e promovida a cidade. A partir da década de 1960, desenvolve-se graças à exploração de poços de petróleo e, embora rica, tem uma das populações mais pobres do Estado e índices de desenvolvimento humano muito baixo. Com uma população negra predominante, em função do processo de ocupação da área ainda no século XVIII e da necessidade de mão de obra

² São Sebastião do Passé está situado na Região Metropolitana de Salvador e fica distante 58 quilômetros da capital, a 37 metros de altitude. Segundo dados do IBGE de 2021, sua área total é de 538,32 km² e população de 44.554 habitantes. O município possui quatro distritos: Nazaré de Jacuípe, Lamarão do Passé, Maracangalha e Banco de Areia.

escravizada para a lavoura de cana-de-açúcar, a cultura local preserva fortes traços desse caldeamento.

Entendo que nesse processo de criação há conexões e movimentos entre a história, cultura, espaço e tempo, que possibilita discorrer sobre os modos de vida e os saberes das pessoas dessa comunidade. Essas conexões corroboram para a transformação e ressignificação do texto tradicional oral nos dias atuais.

Nessa perspectiva, através deste estudo compreendo a literatura oral tradicional como “literatura menor” por apresentar a desterritorialização da língua, a ligação do imediato individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE; GUATARRI, 2002, p. 41). A partir desse conceito talvez seja possível denotar a dimensão e ligações das manifestações culturais da vila de Maracangalha, bem como a singularização da linguagem que a torna “maior”.

Este estudo ampara-se nos estudos culturais e numa perspectiva interdisciplinar que possibilita uma interlocução entre o referencial teórico e a temática apresentada. Faz parte também dessa discussão o caderno de anotações, “Cultura popular” da Professora Nívea, moradora da localidade e integrante do Lindro Amor.

O Lindro Amor é um folguedo, presente na região do Recôncavo e em alguns municípios da Bahia, como São Francisco do Conde, Santo Amaro e Irará. Esse folguedo é composto por homens, mulheres e crianças que dentre outros objetivos, saem nas ruas e de casa em casa para pedir doação para o caruru ou a reza de São Cosme e São Damião, Santa Bárbara e a festa do/a Padroeiro/a. É também um tipo de teatro popular, o qual sua performance constitui-se de: vestimenta colorida, chapéu de palha, adereços, fitas coloridas, bandeiras, canto, dança, instrumentos musicais, além da imagem do santo de devoção que

vai a frente numa caixa de papelão ornamentada de papéis coloridos e fitas.

A questão que direciona este texto é apreender como os textos citados podem servir de fios condutores para discussão do caderno “Cultura popular”. A seção que segue apresenta os pensamentos dos autores citados anteriormente como vias de entendimento do movimento e articulações do pesquisador com o objeto de pesquisa.

Como construir uma cartografia para o estudo das poéticas orais de Maracangalha a partir do caderno “Cultura popular”? Como as linhas chegam ao sistema de poder? Tomaremos como via para essa reflexão a oralidade, a memória, a tradição e a escrita da professora Nívea como elementos indispensáveis para concretização dessa jornada e às nuances da manifestação cultural já citada.

DO PENSAMENTO RIZOMÁTICO AO OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO

Pensar na construção do conhecimento epistemológico demanda desenvolver um método que abarque o corpus da pesquisa. Sobre isso, teóricos como Deleuze, Guattari e Bachelard apontam linhas de pensamentos que teorizam e ampliam o fazer científico. De um lado, Deleuze e Guattari apresentam o termo rizoma, para uma melhor compreensão e formulação acerca da teoria do método. Do outro, Bachelard (1996) discute os obstáculos epistemológicos, presentes na construção do conhecimento a partir do entendimento de ideias realistas e racionalistas que perpassam por esse processo. É importante salientar que ambos os autores analisam a linguagem e a semiótica como possibilidades de operar o caminho teórico e metodológico científico.

Deleuze e Guattari (1980), em Introdução ao Rizoma, capítulo inicial de *Mil Platôs*, a partir do conceito de rizoma,

discute as possibilidades de acesso ao conhecimento, analisando as multiplicidades, caminhos, linhas, pontos de ligação para a construção epistemológica. Nesse sentido, para os autores, o rizoma são linhas entrecruzadas que se ligam de um ponto a outro ponto e não propriamente uma raiz, sendo esses pontos representações dentro de sistemas sociais. O conceito de rizoma vai formando ao longo do texto como: “linhas de segmentaridade, de estratificação [...] linhas de fuga ou de desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, p. 15). Em sua multiplicidade de linhas, o rizoma entrelaça e liga sistemas em sua multiplicidade de agências (igreja, escola, livros e outros), mas também por meio de sujeitos enunciadorees (professor, político, líderes religiosos).

Recorrendo à metáforização, os filósofos desenvolvem as ideias do texto por meio do jogo de ideias e palavras, pelos quais criam uma linguagem que possibilita discorrer e argumentar ao longo do texto. Linguagem essa aberta, múltipla e interdiscursiva, viabilizando um discurso interdisciplinar e dialógico. Assim como o rizoma, essa linguagem “não começa nem conclui, ela se encontra sempre no meio, entre coisas, inter-ser, intermezzo” (DELEUZE; GUATTARI, p. 17). E com este caráter da linguagem há uma construção dinâmica e movente no texto, tanto no conteúdo, quanto na forma de abordagem. Assim, através da linguagem e de conceitos, esses filósofos criam uma interlocução que servem de referência para outras áreas do conhecimento.

No texto, o pensamento rizomático dos autores vai sendo construído a partir da imagem do livro que constitui uma grande metáfora para explicação do rizoma, mas não lhe pode conferir um valor de uno, e sim de multiplicidade. Sendo assim, no livro como em qualquer outra coisa estão os estratos, a territorialidade, “mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (p. 2). É importante dizer que o livro na escrita dos autores pode denotar o conhecimento, os sistemas sociais, o poder, o significado e o significante, dentre

outras vertentes em conexão com a vida, e isso vai propiciar que, mais adiante, neste texto, uma interlocução entre o conceito de rizoma e a poética oral tradicional.

Os argumentos dos autores são desenvolvidos a partir da enumeração de princípios de caracterização do rizoma. Nos princípios de conexão e de heterogeneidade, o entendimento se dá na presença sistemática dos pontos do rizoma onde tudo é pensado sistematicamente, ligado, conectado de um ponto a outro. Esses pontos podem ser entendidos como pessoas, objetos, linhas, identidades, ou seja, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (p. 4). Desses pontos se processam a heterogeneidade, os agenciamentos de corpos, coletivos de enunciação, como também pode ser um ponto de “abertura de conexão entre campos disciplinares distintos e capazes de compor uma máquina de guerra” (MOREIRA, 2016, p. 14) contra o opressor. Por isso, o rizoma não pode ser confundido como nenhuma estrutura, como a árvore sintagmática de Chomsky que representa o sintagma categorial *S*. Para Deleuze e Guatarri, esse sintagma “é antes de tudo um marcador de poder antes de ser um marcador sintático” (p. 4-5), uma vez que nesse modelo sintagmático “não atinge a máquina abstrata que opera à conexão de uma língua com os conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados, com agenciamentos coletivos de enunciação, com toda uma micropolítica do campo social” (p. 5), entretanto representa hierarquização, centralizações e fechamentos, indo de encontro ao conceito de rizoma que analisa a linguagem aplicando um descentramento.

O Terceiro princípio consiste em observar as multiplicidades do rizoma, quando o rizoma é reconhecido como substantivo, antes era uno e se transforma em vários, uma vez que são linhas que se cruzam e preenche as dimensões. Enquanto multiplicidade, o rizoma não tem sujeito ou objeto, mas determinações,

grandezas, linha abstrata, linha de fuga e desterritorialização. Nesse sentido, os agenciamentos e devires se processam nas multiplicidades, “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (p. 5). Assim sendo, o rizoma não reconhece as dicotomias, o bem e o mal, o verbal e o não verbal, significado e significante.

Já o princípio da ruptura assnificante trata-se da continuidade e dos significantes do rizoma. Nesse sistema não há rupturas terminantes definitivas, uma vez que nele há linhas de segmentaridade, pelas quais ele é estratificado, “territorializado, organizado, significado” (p. 6), mas também há a desterritorialização. Logo, trata-se de um ciclo contínuo, e quando ocorre à ruptura do rizoma as linhas fogem se religam e podem se reestratificar e reconstituir o sujeito, podendo ocorrer o devir, e esse processo é marcado pela multiplicidade e heterogeneidade.

Os últimos princípios rizomáticos são o de cartografia e decalcomania. De acordo com os autores o mapa representa o rizoma por ser aberto, reconfigurado, ressignificado, ancorado no real, por isso contribui para a conexão das partes, entre outros. Além disso, o mapa não produz o inconsciente fechado, mas reconhece e produz a realidade, isso porque o pensamento de Deleuze e Guattari seguem a linha da esquizoanálise e, por isso, recusa a ideia de fatalidade “decalcada, seja qual for o nome que se lhe dê, divina, anagógica, histórica, econômica, estrutural, hereditária ou sintagmática” (p. 10). Diferente do decalque que é associada no texto a raiz pivotante e fasciculada em que se opera o decalque e reprodução por serem um sistema fechado, representando uma estrutura. Por este ângulo, os autores criticam a Linguística e a Psicanálise pôr terem “como objeto um inconsciente ele mesmo representante, cristalizado” (p. 8).

Já Bachelard (1996), epistemólogo francês, em *A noção de obstáculo epistemológico plano da obra*, primeiro capítulo do livro *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento* aborda o processo de construção do fazer científico. O autor inicia a discussão declarando que “é em termos de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado [...] é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos” (1996, p. 17), o que leva a observação de causas de estagnação, regressão e de inércia, nomeadas de obstáculo epistemológico.

Bachelard discorre primeiramente sobre a formação do espírito científico. Segundo o autor, quando o espírito se apresenta à cultura científica passa por uma transformação espiritual de modo que o conhecimento anterior, habitual e ingênuo não sejam obstáculos para o fazer científico. Nessa perspectiva, a opinião seria o primeiro obstáculo a ser superado e destruído, uma vez que pode interferir no conjunto de argumentos ou nas etapas da pesquisa e na formulação de problemas. Segundo o autor, o conhecimento não questionado entrava a pesquisa, assim como “um valor em si opõe-se à circulação dos valores” (p. 19), como também “uma ideia dominante polariza todo o espírito” (p. 19), aponta de ocorrer a inércia do espírito. Ainda nessa discussão, ele pontua o instinto formativo que seria a epistemologia e o instinto conservativo que consistiria no empirismo, e esse último tende a interromper a continuação do crescimento espiritual. Por outro lado, se houver a racionalização do conhecimento empírico não se pode descartar a possibilidade de interferência dos argumentos pelos valores sensíveis [opinião]. Sendo assim, para a construção do conhecimento científico, o pesquisador passa por uma metamorfose de personalidades e de impessoalidades que implica no modo de pensar e agir diante do conhecimento anterior.

Na segunda parte do texto, o autor discute a noção de *obstáculo epistemológico* no âmbito do desenvolvimento histórico do pensamento científico e na prática da educação. Sobre essa última, Bachelard declara que a noção de obstáculo pedagógico é desconhecida, pois o professor desconsidera o conhecimento empírico constituído do aluno (adolescente). O epistemólogo deve fazer um esforço de racionalidade de modo que possa operar as ideias, inserindo-as num sistema de pensamento e não vê-las como se fossem fatos postulados pelo historiador. Por isso, faz-se necessário uma postura normativa se houver a intenção de avaliar a validade do pensamento científico, o qual deve ser analisado através da razão, de modo que a atenção do epistemólogo volte-se para a racionalidade e construção do pensamento, como forma de dinamizar, sugerir os fatos num sistema de pensamento, de forma que os conceitos (significado e significante) possam ser explicados, designados e aprofundados. Desse modo, a cultura científica deve iniciar-se “por uma catarse intelectual e afetiva”, mas também colocá-la “em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais” (p. 24) para que haja evolução, transformação e progresso do espírito científico.

Diante dessas pontuações, entende-se que as linhas de ação do rizoma unem a necessidade de identificar, classificar, reconstruir e superar os obstáculos epistemológicos, ao passo que suas formações nos leva a percorrer diferentes caminhos dentro da análise de um objeto de estudo. Além disso, quando o pesquisador se permite calçar diferentes sapatos para atravessar um mesmo terreno e tropeçar em diferentes pedras, o rizoma terá sua continuidade nas pegadas que ele deixará ao abrir caminho para um próximo viés de um diferente estudo com outros observadores.

Na terceira e última parte do texto, Bachelard apresenta um plano para o estudo dos obstáculos epistemológicos, pontua a observação primeira como obstáculo inicial, o qual se apresenta repleta de imagens, polimorfa, havendo nele ruptura e não continuidade. Após essa observação de contemplação, o espírito científico se entrava por dois obstáculos opostos que tende a oscilação, tropeços, conflitos e desarticulação do pensamento empírico, mas essa desarticulação permite movimentos do pensamento e assume o sistema, possibilitando que o espírito constituído em sistema seja mais questionador e agressivo a ponto de observação do real. Para o autor, os obstáculos à cultura científica se apresentam em pares, nesse ponto ele cita a lei da bipolaridade dos erros, essa bipolaridade permite que o epistemólogo depare-se com um obstáculo oposto e invente, considere um fenômeno sob outros pontos de vista. E a partir daí, levará a obstáculos mais particulares, como o obstáculo verbal que seria a falsa explicação de uma palavra por meio do desenvolvimento do pensamento ao analisar um conceito, propondo-se a atribuição de um significado, quando o método mais pertinente seria a utilização do significante. Esse obstáculo levaria ao obstáculo do substancialismo e mostrará que o realismo “é uma metafísica infecunda”, uma vez que não provoca a investigação. Conclui abordando sobre o obstáculo animista nas ciências físicas, para o autor trata-se de um de aspectos pobres e particulares. Segundo Bachelard, essa ideia de substâncias e a ideia de vida inserem nas ciências físicas inúmeras valorizações que prejudicam o pensamento científico.

Assim, Deleuze e Guatarri apresentam um método de operacionalização que se direciona para o pesquisador, a pesquisa e o objeto, enquanto Bachelard volta seus argumentos para um debate acerca da formação do pesquisador diante do conhecimento epistêmico frente ao racionalismo. Tendo como base as discussões apresentadas sobre o conceito de rizoma e a

noção de obstáculo epistemológico, propomos aplicar esses conceitos para a construção do estudo da poética oral tradicional de Maracangalha.

O CADERNO “CULTURA POPULAR”: ENTRE OS OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS E LINHAS DE ARTICULAÇÕES

Pensar o campo epistemológico consiste em traçar cartografia que apresente procedimentos operacionais, os quais possam nortear o pesquisador e interligá-lo a uma pesquisa e a um objeto, numa conexão semântica entre sistemas sociais distintos. Nessa conexão, o pesquisador passa por um devir para que possa se posicionar diante do objeto de pesquisa, como também do fazer científico. Sendo assim, é necessário que ocorra transformação do pesquisador de modo que emane uma postura e o “espírito científico”.

Nessa perspectiva, é necessário pensar: de que modo se dá a construção do conhecimento científico para o campo da poética oral tradicional? Como o pesquisador pode traçar uma cartografia para essa poética? Como essa poética se articula com outros sistemas sociais? Quais são as linhas de segmentaridade e de fuga? E para onde essas linhas seguem? E como pensar a multiplicidade? Tais questões podem servir de fios condutores para refletir a literatura oral tradicional de Maracangalha.

Se o conceito de cartografia se associa ao de mapa, podemos pensar nas possibilidades de enfoque semiótico desse termo para o estudo da poética oral, uma vez que a cartografia consiste em um princípio rizomático. O que nos leva a pensar em multiplicidades, linhas, aberturas, estratificações, desterritorializações e reterritorializações.

Seguindo essa linha, faz-se necessário empreender o deslocamento da literatura oral para o campo epistêmico, lugar esse negligenciado pela historiografia literária, a qual abarcou o texto literário escrito e deixou a margem social outras expressões

da cultura de grupos marginalizados. Dito isso, o conceito de rizoma enquanto linhas, torna possível deslocar a literatura oral tradicional para a encruzilhada dos estudos culturais de modo que se faça uma interlocução com outras áreas do conhecimento, como também conexões conceituais que perpassem pelo verbal e o não verbal. Desse modo, os estudos culturais propuseram mudanças de pensamento, as quais impuseram ao campo científico a agregar outras áreas do conhecimento, deixado à margem social.

A análise dos princípios do rizoma no bojo das manifestações artísticas populares viabiliza uma rede que pode apresentar a imagem da formação cultural de Maracangalha, bem como os aspectos que reverberam esse processo de formação e estão interligados ao contexto de interação com os sistemas sociais locais. A conexão dessas redes revela as linhas que a literatura oral tradicional de Maracangalha segue, como também a estratificação e desterritorialização. Essa desterritorialização de elementos religiosos, culturais, linguísticos, políticos, no qual essa multiplicidade transformar-se. É importante ressaltar que esses aspectos são elementos reveladores de imbricações do texto cultural, como vestimenta, dança, instrumentos musicais, gestos e performance.

Entendido como um operador metodológico, as características do rizoma funcionam como lupas que permitem ampliar a discussão e compreensão da produção do texto oral, registrada no caderno “Cultura popular” da Professora Nívea. Nesse caso, o caderno seria uma linha rizomática do texto cultural, mas também pode ser visto como um livro, um códice pelo qual é possível mapear os aspectos culturais, políticos, econômicos e os modos de vida da comunidade. Santos e Costa (2020) apresentam a descrição desse caderno

Trata-se de uma relevante produção sobre a cultura de tradição oral, uma espécie de códice, onde estão registradas as narrativas orais que atravessaram e atravessam o tempo na vila. A autora

configura esse arquivo em duas partes: na primeira estão escritos cânticos, benditos e louvores em honra a Maria, São Roque e Santo Antônio; na segunda parte, encontramos as cantigas de Bumba-meu-boi, Folia de Reis, Samba de roda, Bailados e do Lindro Amor. Nesse breve sumário do caderno, estão listados os interesses da autora/organizadora e os textos característicos da tradição da comunidade que vão de textos religiosos a folguedos (SANTOS; COSTA, 2020, p. 116).

Diante dessa descrição, o caderno “Cultura popular” e suas linhas são como fios condutores de articulações da cultura popular tradicional, desde a produção, perpassando pela transmissão, recepção e manutenção do texto oral. Isso pode ser explicado por ser uma poética da voz, e por ter a oralidade como veículo de propagação, o que garante continuidade e atualização. Aqui, é interessante falar da importância da memória e o seu valor para a preservação cultural, a memória pode ser vista como a guardiã da tradição, ela permite o atravessamento da voz no espaço e tempo. Os princípios do rizoma a denomina de “memória curta”, pois essa memória entende o esquecimento como processo natural, e não se confunde com o instante, “mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso” (p. 11), diferente da memória longa, a qual refere-se a família, civilização, sociedade e raça (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 11). Desse modo, a memória curta seria um diagrama ligado por linhas que demonstram o fluxo organizacional da cultura da vila. Essa memória pode acontecer à distância, vir ou voltar muito tempo depois, mas sempre em condições de descontinuidade, de ruptura e de multiplicidade” (p. 11).

Nesse fluxo da memória, ocorre o processo de desterritorialização e reterritorialização da poética oral no caderno “Cultura popular” da professora Nívea, a memória da Professora representa a memória coletiva, ou a memória curta como denomina os autores discutidos. Por essa ótica o texto cultural desterritorializa-se no caderno, desaguardando os saberes, fazeres, conhecimentos, modos de vida, além do contexto

histórico da vila, o caderno além de funcionar, passa a ser também um dos veículos e documento do texto cultural, que liga a comunidade e sua cultura a outros territórios e sistemas sociais distintos. O caderno torna-se uma linha de fuga, pela qual a poética oral de Maracangalha reterritorializa-se em outros espaços sociais, como as escolas, igrejas, centro acadêmicos, associações de moradores e em outras localidades além da vila. Assim sendo, o caderno compõe o mapa da cultura com outros elementos culturais da vila como se observa nesta cantiga de Lindro Amor

Quando eu vim da minha terra
O meu povo eu deixei lá.
Quero voltar pra minha Angola
Para o meu povo voltar

Eu quero voltar para minha terra
Lá em Angola que é bom de morar.
Eu quero voltar pra minha terra,
Na minha terra que é bom de morar.

Fonte: Caderno de Anotações, “Cultura popular”, Professora Nívea

A voz do sujeito poético deste cântico pode servir de base para a questão norteadora deste texto. Isso porque revela as tensões do processo da colonização, desde a captura dos africanos e o período escravagista brasileiro, o qual a comunidade de Maracangalha também se inclui nesse contexto. E isso é evidenciado por meio do lamento desse sujeito poético que atribui predicacões a sua terra como é revelada nos versos “Eu quero voltar para minha terra/ Lá em Angola que é bom de morar”, denunciando as mazelas e exploração praticadas pelas pessoas do poder. Os versos fazem referência ao poema da literatura canônica *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias por apresentar o saudosismo, patriotismo, e os aspectos políticos e socioeconômicos que refletiam e refletem as desigualdades desse período

[...]
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá
[...] (DIAS, 18).

Nessa análise dos dois textos, observamos que ambos podem ser denominados de canções, e isso o escritor canônico já intitula o poema de canção, já a canção do Lindro amor talvez pelo caráter singular e coletivo dos modos de produção não apresenta esse aspecto formal. Paralelo a isso, a construção das rimas “lá” e “cá” da Canção do exílio, e os termos “Minha terra” e “Lá em Angola” podem, além de mostrar o saudosismo e patriotismo, servir de dispositivos para a investigação das bases ou fontes da formação da literatura escrita hegemônica. Nesse sentido, a canção mostra multiplicidades de linhas rizomáticas de estratificação e segmentaridade cultural. Linhas essas que estão interligadas na construção de sistemas e de identidade local e nacional.

Este deslocamento e atravessamento faz com que a poética oral siga linhas de segmentaridade e se reterritorialize em outros espaços, corpos, os quais possibilita o encontro com sistemas diversos. Sistemas esses heterogêneos, em que a diferença também faz rizoma exigindo estratificação, desterritorialização, organização e significação. Por exemplo, o processo de troca e negociação da cultura popular com a cultura hegemônica em suas multiplicidades. Assim, os cantos registrados no caderno revelam a multiplicidade cultural como também denunciam todo contexto de exploração e o processo escravagista sofrido pela comunidade.

Assim como a cultura científica, o estudo do texto cultural tradicional apresenta-se cercado de obstáculos, os quais devem ser superados para que se possa analisá-lo. Para Bachelard (1996), a opinião é o primeiro obstáculo que o espírito científico deve

romper, ou seja, é preciso que o pesquisador realize a ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico. Assim, como compreender o pensamento bachelardiano para aplicação da ciência no caderno “Cultura popular”. Como construir o espírito científico para investigar as implicações e questões nele imbricadas.

Nesse sentido, o espírito científico vai partir de perguntas que possam ser respondidas no processo de construção do conhecimento, “para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico” (BACHELARD, 1996, p. 18). Sendo assim, torna-se pertinentes entender a formação, o contexto cultural, a política, a economia, os saberes, as crenças e outros aspectos que estão relacionados a poética oral tradicional de Maracangalha. Para isso o pesquisador deve se distanciar do objeto para que ocorra a racionalização do conhecimento empírico, como também supere um obstáculo de gênese da produção científica.

Bachelard (1996) pensa o espírito científico como algo que está sempre em mutação. Nesse sentido, há um devir do pensamento científico que seria a transformação da forma realista em racionalista, entretanto essa transformação não é total.

O pesquisador das poéticas orais depara-se com obstáculos de várias ordens desde conceituais à pesquisa de campo. Conceituais no agenciamento de ideias que teorizam e operem as problematizações levantadas, apresentado fundamentações de estudos já realizados sobre o tema, mas também referências metodológicas que dialoguem com o objeto de estudo. A pesquisa de campo revelaria também um obstáculo epistemológico, porque de algum modo há uma invasão na privacidade dos colaboradores da pesquisa, o pesquisador seria esse invasor parasita que busca estabelecer um trabalho de mutualismo. Costa e França (2013, p. 115) dizem que “a condição de pesquisador é sempre uma intromissão na vida particular dos sujeitos que vão construir uma

narrativa de si e de seu grupo humano de acordo com a relação que se estabelecer com o intruso”, ainda que se criem laços afetivos com os narradores, poderia apresentar ao espírito científico lentidões e inércia. Sendo assim, a pesquisa de campo é um ponto importante que o pesquisador deve pontuar ao cartografar os caminhos que serão seguidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos textos, empreende-se que Deleuze e Guattari (1995) tratam dos conceitos de rizoma, multiplicidade, linhas de fuga e propõem cartografias que permitam traçar e delinear um pensamento científico, levando-nos a pensar numa teoria de método de estudo. Já Bachelard, volta-se para a construção do conhecimento científico e pontua os entraves e impasses que emanam nesse processo.

O enfoque baseado nas características do rizoma exige e reafirma a reelaboração da cultura popular como algo constante, mas também em consonância com as transformações políticas, econômicas e culturais no contexto que está inserida. Nesse sentido, o método de abordagem contribui para uma análise e compreensão da cultura de forma conjuntural na medida em que for posta a outros contextos sociais. Revelando as tensões por parte dos praticantes da cultura popular como resistência a homogeneização da sociedade e da cultura.

As discussões apresentadas revelam que a poética oral de Maracangalha desterritorializa no caderno “Cultura popular”, mostrando a multiplicidade, o contexto socioeconômico, político, bem como suas linhas de fuga na contemporaneidade. Além disso, o pensamento de Deleuze, Guattari e Bachelard podem servir de operadores metodológicos para o estudo das poéticas orais, por propiciarem abertura e interlocução com outras áreas do conhecimento.

Assim como o rizoma, o texto oral popular tem suas linhas de fuga que podem ser um objeto de investigação das manifestações culturais da vila, por exemplo, o caderno “Cultura popular” que, além de funcionar como cartografia da poética da comunidade, serve de fio condutor para que o texto cultural alcance espaços negligenciados pelo poder eurocêntrico.

Por fim, os conceitos cunhados pelos teóricos aqui discutidos, podem operar como método para cartografar a literatura oral, mas também entender os mecanismos criados pelos intérpretes para a reterritorialização e agenciamento da cultura popular nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico — plano da obra. In: *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 17-28.

COSTA, Edil Silva; FRANÇA, Daiane de Araújo. Por uma cartografia das poéticas da voz na Bahia: métodos de registro e interpretação. In: *Revista A cor das letras*, n. 14, Feira de Santana, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SANTOS, Osmar Moreira. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SANTOS, R. M. C; COSTA, E. S. Vozes de Maracangalha: intersecção de saberes e afetos. In: *BOITATÁ*, Londrina, n. 30, jul./ dez. 2020.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.